

Expectativas do Mercado

O setor industrial dos Estados Unidos desacelerou em novembro, segundo dados preliminares da consultoria Markit Economics. O Índice dos Gerentes de Compras (PMI, do inglês Purchasing Managers' Index) para o setor manufatureiro americano caiu de 54,1 pontos, em outubro, para 52,6 pontos, na prévia de novembro – pior desempenho dos últimos 25 meses. Entretanto, como permanece acima de 50 pontos, representando expansão, é provável que a produção de bens sustente um crescimento maior da economia no quarto trimestre do ano.

Já o PMI composto da Zona do Euro (ZE), que engloba os setores industrial e de serviços, subiu de 53,9 pontos, em outubro, para 54,2 pontos, em novembro. O resultado, porém, veio abaixo da expectativa de analistas e também da prévia de novembro, que eram de 54,4 pontos em ambos os casos. Apenas o PMI de serviços do bloco avançou levemente, de 54,1 pontos, em outubro, para 54,2 pontos em novembro.

O PMI para o setor industrial chinês, em novembro, caiu para 49,6 pontos, atingindo o menor nível desde agosto de 2012, reforçando que a atividade econômica do país está em contração. Nos dois meses anteriores, havia ficado em 49,8 pontos. Os seis cortes na taxa de juros no último ano não têm sido suficientes para alavancar a indústria chinesa, que vem piorando, podendo até comprometer o crescimento de 7,0% esperado para o Produto Interno Bruto (PIB) em 2015.

No Brasil, os indicadores econômicos continuam deteriorando-se. O PIB do terceiro trimestre de 2015 registrou queda de 1,7% em relação ao trimestre anterior. Na comparação com igual período de 2014, a retração foi bem maior (4,5%). A produção industrial, em outubro, também diminuiu pela quinta vez consecutiva (0,7%), refletindo o desaquecimento do mercado interno.

Assim, as projeções para 2015, constantes no Boletim Focus, de 11 de dezembro de 2015, do Banco Central do Brasil (BCB), seguem piorando, sendo esperada retração ainda maior do PIB (-3,62%) e inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), de 10,61%. Já a taxa de câmbio, por sua vez, deve fechar este ano próxima a R\$ 4,00 por dólar e situar-se acima deste valor nos anos seguintes.

Expectativas do mercado

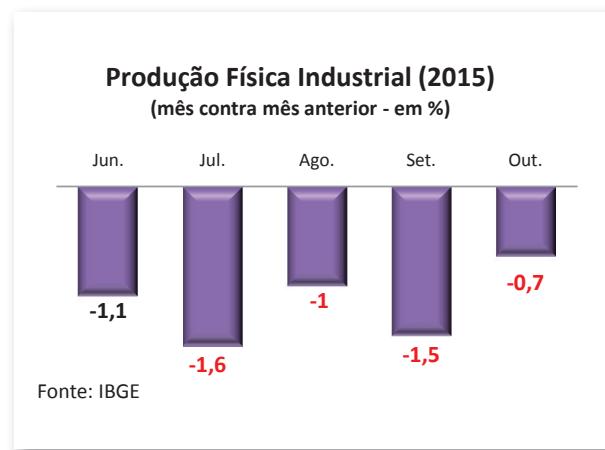
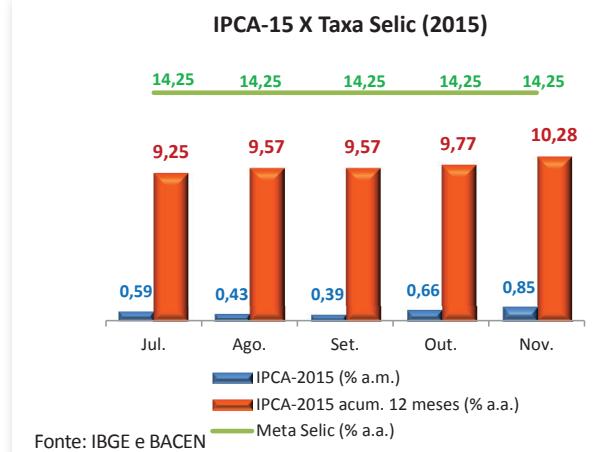
	Unidade de medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-3,62	-2,67	1,00	1,85	2,00
IPCA	% a.a. no ano	10,61	6,80	5,10	5,00	4,50
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,25	14,63	12,00	11,00	10,05
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,90	4,20	4,20	4,20	4,23

Fonte: Banco Central do Brasil – Boletim Focus (11/12/2015).

Confira os últimos estudos/pesquisas da Unidade de Gestão Estratégica (UGE):

- [Os donos de negócio no Brasil: análise por grau de informatização, faixa de renda e escolaridade;](#)
- [Índice de Confiança dos Pequenos Negócios – relatórios especiais por Unidade da Federação \(UF\).](#)

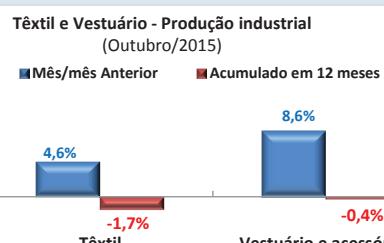
Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).



Notícias Setoriais

Comércio Varejista

O volume de vendas do comércio varejista, em outubro, avançou 0,6% frente ao mês anterior, interrompendo uma sequência de oito meses de queda. A receita nominal também subiu (1,2%), após o ajuste sazonal. Em relação à outubro de 2014, o volume de vendas registrou queda de 5,6%, já a receita nominal computou alta de 3,3% (sem ajustes). No ano, o volume de vendas acumula retração de 3,6% e a receita nominal, alta de 3,5% frente ao mesmo período de 2014. O segmento de Móveis e eletrodomésticos e de Livros, jornais, revistas e papelaria foram os que mais contribuíram para a queda observada no acumulado deste ano, no volume de vendas do varejo (-13,3% e -9,6%, respectivamente). O desempenho do setor tem refletido o redução do poder aquisitivo da população, com o aumento do desemprego, das taxas de juros, da inflação, a redução da renda e a restrição ao crédito.



Fonte: IBGE

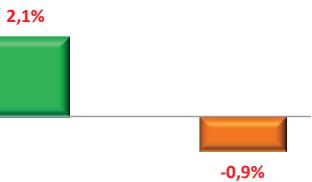
Têxtil e Vestuário

Em outubro, a produção da indústria têxtil registrou alta de 4,6%, e a de vestuário e acessórios, de 8,6% sobre o mês anterior. Porém, nos últimos 12 meses, a produção de têxteis acumulou queda de 1,7%, e a da vestuário, de 0,4%. De janeiro a outubro deste ano, as exportações de vestuário e acessórios diminuíram 13,3% frente às de 2014, e as importações, 4,8%. Assim, a balança comercial desse segmento acumulou saldo negativo de US\$ 2,3 bilhões nos dez primeiros meses do ano. O setor tem sofrido com o encarecimento dos custos de produção (energia elétrica e tributação, por exemplo), e com a concorrência com produtos chineses, obrigando os empresários do setor a mudar de estratégias para manter suas atividades.

Calçados

A produção brasileira de calçados apresentou alta de 2,1% em outubro sobre o mês anterior, mas acumulou retração de 0,9% nos últimos 12 meses. O saldo da balança comercial do setor, de janeiro a outubro, ficou em US\$ 322,4 milhões, com as exportações atingindo US\$ 766 milhões, 12,4% menor do que a registrada em igual período de 2014, apesar do câmbio favorável. Os Estados Unidos continuam como principal destino, respondendo por 19,4% do total exportado em dólares. A indústria calçadista, que exporta cerca de 15% de sua produção, deve sofrer as consequências das medidas de ajuste fiscal – houve antecipação da redução da alíquota do Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra) para dezembro deste ano.

Calçados - Produção Industrial (Outubro/2015)



Fonte: IBGE

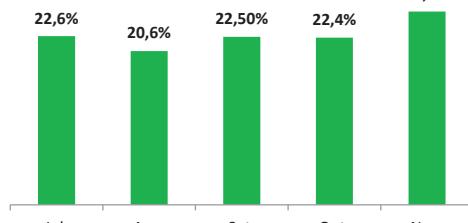
Móveis

A fabricação de móveis aumentou 4,2% em outubro frente ao mês anterior, mas acumulou retração de 2,1% nos últimos 12 meses. Como o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos, em função, por exemplo, das elevadas taxas de juros e restrições ao crédito, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. O setor também vem apresentando resultados negativos no mercado externo, tendo acumulado neste ano, até outubro, déficit de US\$ 141,7 milhões no saldo comercial. No entanto, espera-se aumento das exportações, favorecidas pela taxa de câmbio acima de R\$ 3,50/dólar nos próximos meses, podendo minimizar o impacto da retração do setor no mercado doméstico.

Turismo

Segundo a "Sondagem do consumidor: intenção de viagem", do Ministério do Turismo (Mtur), em novembro de 2015, 25,9% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em novembro de 2014, eram 34,4%), sendo que, destes, 81,7% preferem viajar dentro do país. A desvalorização cambial certamente tem sido o principal fator motivador desse resultado. Hotéis e pousadas continuam tendo a preferência dos turistas brasileiros (46,8%), com o avião despertando o interesse da maior parte deles (44,3%). Entretanto, em função do alto preço das passagens aéreas, a intenção de usar o automóvel tem aumentado, passando de 28,3% (novembro de 14) para 37,4% (novembro de 15). A região Nordeste detém a preferência desses turistas (40,6%), seguida pela região Sudeste (32,4%).

Percentual de brasileiros que demonstraram intenção em viajar nos próximos 6 meses (2015)



Fonte: MTur e FGV - Sondagem do consumidor - Intenção de viagem

Artigo do mês

Os pequenos negócios em 2016

Marco Aurélio Bedê

(Doutor pela FEA/USP e analista da UGE)

Segundo o Boletim Focus do Banco Central do Brasil (BCB), o país deve fechar 2015 com queda de 3,5% no Produto Interno Bruto (PIB) e 10,5% de inflação, refletindo, basicamente, as atuais crises política e econômica. Em 2016, deve perdurar a instabilidade na economia e o desequilíbrio nas contas governamentais, visto que os ajustes fiscais ainda dependem de aprovação pelo Congresso Nacional. Além disso, o ano deverá começar com uma taxa de desemprego mais alta do que há um ano, e com o rendimento do trabalhador em queda.

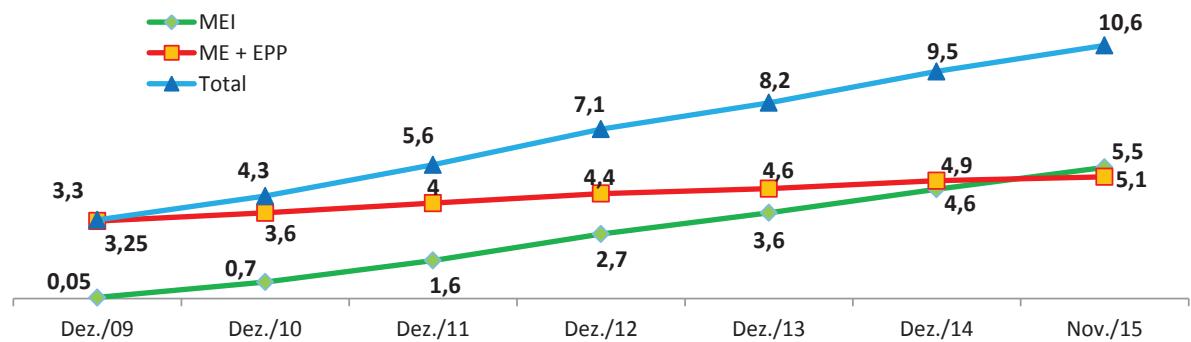
A despeito desse cenário pouco alvissareiro, há sim, no Brasil, um setor que continua dando certo. É o setor dos pequenos negócios. Mesmo em crise, deve fechar 2015 com quase 1 milhão de novos microempreendedores individuais (MEIs), ultrapassando a barreira dos 5 milhões de MEIs criados após sete anos do surgimento dessa figura jurídica. Só isso já é um grande feito, visto que se trata, em sua maioria, de empreendedores que resolveram sair da informalidade e/ou pessoas que não eram empreendedoras, mas que viram aí uma oportunidade de tornarem-se empreendedores. Em 2015, o número de micro e pequenas empresas (MPEs) também expandiu-se, em especial os optantes pelo Simples Federal, regime simplificado, diferenciado e favorável. Já existem mais de 10,6 milhões de empresas optantes pelo Simples. Só este ano, mais de 400 novas atividades passaram a ter a opção de aderir a este sistema de tributação.

Outro aspecto positivo é o nível de confiança, medido pelo Índice de Confiança dos Pequenos Negócios (ICPN). O indicador caiu na comparação com 12 meses atrás. Porém, é o índice de confiança da economia brasileira que menos foi afetado pela crise. Em especial, no caso dos MEIs, que estão com um ICPN acima de 100. Portanto, esperam uma melhoria nos negócios para os próximos meses. Em parte, isso pode ser explicado pela mudança de hábito do consumidor brasileiro, que vem trocando serviços, produtos e marcas mais caras pelas mais baratas. Nesses segmentos, é forte a presença de pequenos negócios. Os que trabalham com a manutenção de bens duráveis, como as oficinas de automóveis e de bens eletroeletrônicos, também têm apresentado bom desempenho. Isto porque cada vez mais o consumidor posterga sua decisão de comprar um automóvel ou uma geladeira novos e, no seu lugar, investe na manutenção desses bens, para que durem mais tempo. Os pequenos negócios que exportam (ou fornecem para empresas exportadoras) também tendem a ser favorecidos pela desvalorização do real. O mesmo pode ser dito daqueles que concorrem com produtos importados. Com o dólar mais caro, os produtos nacionais passam a ter condições mais justas de competição com os importados no mercado interno.

Na média, no último mês, o atual ICPN atingiu o nível 99. Isto reflete ligeira tendência de queda da atividade nos próximos meses. Entretanto, estamos bem mais perto da estabilidade (que será atingida quando o ICPN chegar a 100) do que o verificado nas grandes empresas. Segundo pesquisas do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), na maioria dos meses deste ano o faturamento médio mensal dos pequenos negócios ficou mais de 10% abaixo do verificado no ano anterior. Porém, aparentemente parou de cair. Assim, a expectativa é de que, mesmo tendo mais empresas, estas venham a trabalhar com um faturamento médio mensal mais modesto. Por sua vez, as empresas tendem a comercializar produtos e serviços mais diversificados e mais baratos do que os que vinham vendendo antes. Em parte isso mostra a grande flexibilidade do setor em se ajustar às condições adversas da economia.

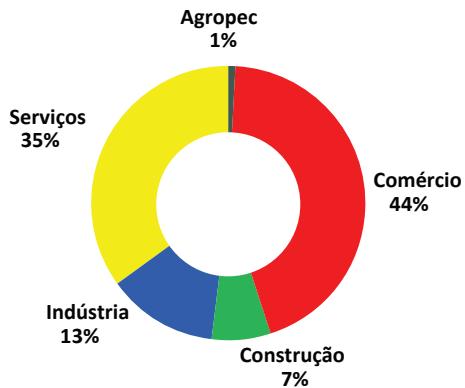
Pequenos Negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões)

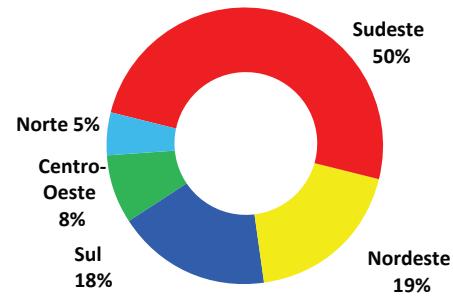


Fonte: Receita Federal do Brasil (RFB).

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal do Brasil (RFB) – dezembro/2015

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos pequenos negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27,0	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais/MTE
No total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais/MTE
No total de empresas privadas	2015	98,2	Sebrae
Outros dados sobre os pequenos negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	Pnad/IBGE
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	Pnad/IBGE
Empregados com carteira assinada	2013	17,0 milhões	Rais/MTE
Remuneração média real nas MPEs	2013	R\$ 1.485,00	Rais/MTE
Massa de salário real dos empregados nas MPEs	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais/MTE
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.:

- 1. Microempreendedor individual (MEI):** receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
- 2. Microempresa (ME):** receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEIs.
- 3. Empresa de Pequeno Porte (EPP):** receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.